

122

DEPÓSITO LEGAL
ABR 1945

MUNDO GRÁFICO

108

A cena capital
da famosa
peça
de Congrave
intitulada
"Amor por Amor"

NO SUB-SOLO DE LONDRES

O caminho de ferro subterrâneo de Londres consiste numa rede de linhas construídas de várias épocas durante os últimos 80 anos. A maioria data de 1900. Estas vias não estão todas situadas debaixo de terra, em todo o percurso. Mas, em geral, estão debaixo do nível da terra e invisíveis, a uma profundidade variando de 6 a quasi 80 metros. O seu comprimento total é de uns 370 quilómetros e são principalmente utilizados para percursos pequenos, duma parte de Londres à outra, ou entre a área central e os arredores. Transportam, em média, um milhão de passageiros por dia.

O primeiro caminho de ferro subterrâneo foi aberto em 1863 e construído, na maior parte, escavando a superfície e cobrindo-a, depois, de maneira que ficou a muita pouca profundidade. Uma grande parte do sistema subterrâneo foi assim construído até que foi feita uma proposta, há cerca de uns 60 anos, para construir uma linha férrea, cavando um túnel a uma profundidade muito maior — numa camada de argila conhecida por «argila azul de Londres», sob uma parte considerável da região londrina. Levou a cabo esta ideia revolucionária um engenheiro civil, James Greathead, cujos inventos e feitos têm influenciado grandemente os trabalhos de escavação de túneis em todo o mundo.

Foram empregados por Greathead, na construção deste primeiro túnel de profundidade, dois projectos que têm sido utilizados na quasi totalidade dos trabalhos deste género, um chamado «refôrço de Greathead», para escavar os túneis, e uma parede interior de ferro reforçado formando a estrutura permanente. Aqui, pode-se talvez explicar, em resumo, como é construído um caminho de ferro subterrâneo.

(Continua na página 25)



Os trabalhos de construção de um novo caminho de ferro subterrâneo



As escavações do túnel. As camadas argilosas estão solidamente protegidas «Subterrâneo» a Wood Green, vendo-se um comboio parado numa estação

UM ANO DE GUERRA AÉREA

visto pelo GENERAL ARNOLD

VIDROS OPTICOS



SÃO muitas as pessoas que actualmente usam óculos mas, no entanto, a utilização de auxiliares para uma boa visão data de há milhares de anos. Diz-se, por exemplo, que o Imperador Romano Nero usava uma esmeralda finamente polida como lente. Os óculos formam porém, apenas uma diminuta parte da indústria de vidros ópticos, da qual muitos produtos são vitais para as nações em guerra.

Os microscópios, os espectrofotómetros, os polarímetros e outros instrumentos ópticos são necessários à indústria, enquanto que os serviços armados precisam de lentes, prismas e espelhos para localizadores e altímetros, miras, máquinas fotográficas, binóculos, sextantes e periscópios para submarinos e tanques.

O vidro óptico britânico é igual ao que de melhor se faz noutras partes do mundo. Os fabricantes dos modernos instrumentos e aparelhos ópticos precisam de ingredientes químicos da maior pureza e os processos de fabricação exigem a mais aturada vigilância da parte do químico.

Deve-se, em grande parte, ao químico britânico a circunstância de alguns de vós poderem ter este tipo ou de uma máquina fotográfica britânica poder tirar fotografias aéreas dos estragos causados a um navio inimigo por um torpedo dirigido por meio do periscópio de um submarino britânico.

A química ao serviço do homem



IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, Londres, Inglaterra



O Departamento da Guerra dos Estados Unidos publicou o relatório anual do General H. H. Arnold, comandante da Força Aérea do Exército dos Estados Unidos, no qual descreve as operações aéreas levadas a cabo em todo o mundo pelos americanos, durante o ano passado, bem como a contribuição desses ataques para a série de pesados reveses sofridos pela Alemanha e pelo Japão durante aquele período.

Na parte do relatório relativa ao teatro europeu de operações, o General Arnold descreveu o início da ofensiva aérea total contra a Alemanha, afirmando que os «cinco dias decisivos» que decorreram de 20 a 26 de Fevereiro, alteraram a história da guerra no ar.

Referiu-se também ao modo como o aparecimento das Super-Fortalezas Voadoras «B-29» abriu caminho para o poderoso ataque contra as defesas interiores do Japão.

O Comando de Transportes do Exército, com os seus milhares de quilómetros de voo em redor do mundo, deu crédito ao papel vital que desempenhou, não só no transporte, pelos seus próprios meios, de milhares de aviões para as frentes de batalha de todo o mundo, como também no transporte de enormes quantidades de abastecimentos e pessoal.

No teatro de guerra do Mediterrâneo, o General Arnold refere-se à forma como os constantes bombardeamentos provocaram a destruição da indústria germânica e, particularmente, suprimiram uma grande parte das reservas de petróleo de Hitler.

Entretanto, no Pacífico, as forças aéreas do Exército atacavam as bases insulares do Japão, bem como a navegação japonesa, contribuindo assim para os êxitos alcançados pelos Aliados em toda aquela região, êxitos que culminaram com os desembarques nas Filipinas.

Discutindo a acção desenvolvida pela arma que comanda, no campo das investigações, o General Arnold declarou que os Estados Unidos estão a vencer «a batalha dos laboratórios, das fábricas e das bases de experiências», acrescentando que a nossa superioridade deve-se não só à quantidade como também à qualidade da nossa produção.»

Descreveu a propulsão por jacto, o rodar, as previsões meteorológicas, os foguetes, as balas «grangible» munições de matéria plástica para experiências e treino), as bombas voadoras, os «compacs» (armazens portáteis), os aperfeiçoamentos de material, medicina de aviação, os «flak suits» (para protecção anti-aérea) e os novos aviões.

Sem entrar em pormenores, o General Arnold também anunciou o aparecimento dos novos aviões B-35, B-36 e B-42 — todos maiores e mais poderosos que os B-29.

O General Arnold afirmou que, naquela data, cerca de 1.000 bombardeiros das forças aéreas americanas atacaram fábricas de caças em Bruswick, Oscherleben, Bernberg e Leipzig «no mais poderoso ataque já lançado na guerra, até então. Os resultados foram excelentes.»

Ao passar em revista aquela semana o General disse que a aviação americana bombardeava de dia e a R. A. F. à

(Continua na página 5)



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ONDAS	ONDAS	ONDAS	ONDAS
20.30	19,5	25,3	30,9	39,6
20.45	19,5	25,3	30,9	39,6
22.45				
às	25,3	30,9	39,6	49,6
23.15				

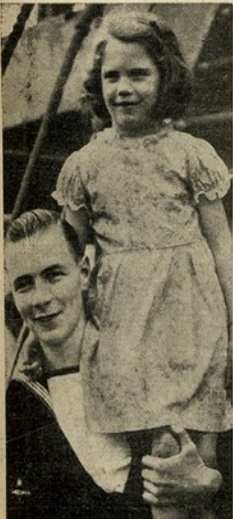
Ouça o locutor JORGE ALVES às 22.45

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por Intermédio da B. B. C.
todos os dias das 19 e 45 às 20.00

Emissões diárias

OIÇA A VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

REFLEXOS DO MUNDO



Ele voltou de longo cruzeiro submarino, no Atlântico. A irmãzinha mais nova torri, orgulhosa, do heroísmo dele

A criação do mundo

O jovem Freddie ficou muito impressionado com a história da Criação, contada pela professora do catecismo.

Dias depois, sentiu-se doente, mas não se queixou a ninguém. À sua mãe insistiu em saber o que atormentava e perguntou-lhe se tinha alguma dor. Foi então que Freddie, em voz queixosa, comprimindo o lado esquerdo, balbuciou:

— Mãezinha, julgo que vou ter uma mulher.

(De Forum, Johannesburg)

A diferença...

Um alemão perguntou a um sueco quem ganharia a guerra. O sueco respondeu-lhe que não sabia e que não tinha elementos para architectar uma profecia. No entanto, como o alemão persistia na pergunta, o sueco respondeu-lhe:

— Realmente, como é que se pode saber? Porém, quando encontro algum inglês, nunca me pergunta quem virá a ganhar a guerra!...

(Saint John, Telegraph Journal)

Sabedoria infantil

Um garoto foi repreendido pelos seus pais devido a uma travessura que praticara. Intimidado com o inferno, o rapazinho respondeu:

— Não lucris nada com o dizer-me que os anjos escrevem nos seus livros se eu for mau. Posso afirmar-vos que no céu eles devem pensar que já morri.

— Mas... porque não de eles pensar isso? — perguntaram-lhe os pais.

— Porque há duas semanas que não digo as minhas orações.

(Tit-Bits, Londres)

Acredite ou não

José Mai, natural de Nápoles, tinha dois corações. Ele próprio vendeu o seu corpo à Academia Britânica de Medicina, por trezentos contos.



A ÁRVORE DA VITÓRIA

A princesa Elisabeth, herdeira do trono de Inglaterra, numa cerimónia em Londres, planta a árvore que ficará a assinalar, na Grã-Bretanha, o ano da vitória

UM ANO DE GUERRA AEREA

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3)

noite, acrescentando: «Esses cinco dias mudaram o curso da história da guerra aérea.»

Descreveu a forma como a aviação, antes do dia D, cumpriu a tarefa de encerrar os alemães no triângulo da Normandia e da Bretanha formado pelos rios Sena e Loire, mediante a destruição de pontes, criando assim um problema de transportes de solução impossível para o inimigo, do que resultou não poderem os alemães deslocar-se 40 quilómetros por caminho de ferro, sem encontrarem um obstáculo. «Jámais se observou num grande campo de batalha um grau tal de obstruções» prosseguiu o general Arnold.

Descreveu, a seguir, os ataques levados incessantemente a cabo contra a Alemanha, pela aviação cooperando com as forças terrestres.

Os caças, em comunicação directa pela rádio com os tanks aliados, voavam como uma escolta sobre as colunas mortizadas.

Os oficiais de terra apelavam para os caças para que bombardeassem ou destruíssem a artilharia ou os motorizados que lhes obstruem o caminho. Por seu turno, os pilotos advertiam os comandantes dos tanks contra emboscadas nos cruzamentos de estradas e nas florestas. Devido à ausência da Luftwaffe, os alemães não tinham no ar «olhos» que os guiassem e, daí, a sua vantagem. Foi assim que, segundo o General Arnold, os alemães foram constantemente repellidos.



Entre dois combates, ele descansa uns minutos na cova deixada pelo deflagrar de uma granada



CARL TIMMERMAN ★

EIS um nome que ainda há duas semanas o mundo completamente ignorava e que, de um momento para outro, alcançou justa celebridade e ficará para sempre ligado à história desta guerra. Em fins de Fevereiro o tenente Carl Timmerman, de Nebraska, era modestíssimo oficial de um regimento de Infantaria que cumpria escrupulosamente os deveres do seu cargo e, como todos os soldados americanos, ardia na ânsia de se bater e regressar à pátria. Um acontecimento providencial, em que tanto como o destino participaram a sua audácia, a sua coragem e o seu sangue-frio, fez dele uma vedeta da atualidade internacional.

Para o comando aliado o grande problema de cuja solução satisfatória dependia o encurtamento da guerra com a travessia do Reno. Dominada a margem ocidental do rio e ocupada em grande parte seria necessário conquistá-lo, isto é fazê-lo atravessar em força por efectivos bastante numerosos, devidamente equipados. Os alemães antes de abandonarem a margem ocidental prepararam, como é natural, a destruição das partes que estabelecem, em tempo normal, a comunicação entre os dois lados do rio. Quando Timmerman chegou junto de uma dessas pontes — a de Remagen — verificou que a carga explosiva que devia fazê-la saltar ainda não reventara.

A sua decisão foi tomado rapidamente. Acompanhado por alguns soldados atravessou-a o tenente Timmerman e pôde chegar a tempo de impedir que isso acontecesse. Os estragos provocados pela explosão foram reparados rapidamente e, beneficiando do efeito da surpresa, alguns milhares de soldados americanos passaram para a margem direita do rio, instalando nela uma sólida testa de ponte.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A VISITA DO PRIMEIRO MINISTRO

DURANTE a sua recente visita à frente ocidental, o sr. Churchill teve ocasião de pisar uma parte do território do Reich, já conquistada pelas forças aliadas, com as quais se demorou em conversação animada.

Depois de atravessar o Ruhr, o sr. Churchill esteve a visitar as ruínas de Julich onde passou em revista uma divisão de infantaria britânica. «Esta divisão, disse êle no improviso que dirigiu aos soldados, começou a guerra com um desastre terrível. Mas, a sua alma não se atemorizou e aqueles que a venceram, nessa altura, são agora os vencidos. Estais a combater numa série de batalhas vitoriosas. Foi o vosso esforço, no norte da frente, que permitiu que no sul se realizassem, ultimamente, tão rápidos progressos. Dentro de pouco tempo teremos atravessado o Reno. Toda a gente pode verificar que o fim da guerra se aproxima, e com êle ficará aberto o caminho para construirmos a paz e será possível o vosso regresso à pátria.»

Esta linguagem simples resume o resultado de mais cinco anos de uma guerra implacável. Como foi possível desencadear

A causa das duas conflagrações, cujo conjunto constituiu, na incisiva dum escritor francês, a segunda guerra dos Trinta anos, foram fundamentalmente as mesmas e os mesmos os factores que as desencadearam. Dantzig, em 1939, repetiu Serajevo, em 1914, a um quarto de século de distância. Como a vitória dos Aliados, em 1945, depois dos seus adversários haverem dominado vitoriosamente o continente durante quatro anos, repete a vitória aliada de 1918. Das duas vezes, a Grã-Bretanha desempenhou o papel fundamental de assegurar a continuidade do esforço de guerra aliado e de interpretar, mesmo quando tudo parecia perdido, a superioridade dos factores morais e psicológicos na condução e na conclusão da luta.

Em 1914, a Grã-Bretanha começou por desembarcar no continente um pequeno corpo expedicionário de cem mil homens, sob o comando de sir John French, como mais tarde, em 1940, devia desembarcar um outro pequeno corpo expedicionário de trezentos mil homens, comandados por Lord Gort. Mas, na primeira como na segunda conflagração mundial, êsses desembarques simbólicos foram apenas o início duma acção persistente e contínua que, no meio dos desfalecimentos, das deserções e das dúvidas gerais, devia terminar com a vitória.

Em 1940, a Grã-Bretanha estava isolada e ameaçada de ver o seu solo invadido pelas forças alemãs. Um ano e meio depois, estava organizada a maior coligação política e militar que a história regista. Que teria acontecido se a resistência britânica, durante essa fase crucial do conflito, houvesse fraquejado? O sr. Churchill que, sobretudo depois da sua visita à Alemanha, em 1931, não deixou de prevenir o mundo, da sua cadeira de deputado e da sua banca de jornalista, quanto aos perigos que se adensam sobre o seu próprio país e sobre a causa da civilização ocidental, ponde verificar, nesta visita de regresso, por entre os escombros de mais uma guerra implacável e destruidora, que as antecipações que formulara não bastaram para evitar que a catástrofe se repetisse. Churchill voltou, novamente, à Alemanha, atravessando o Reno. Vê-se que o grande Inglês está sempre na primeira linha — na política como na guerra. Um homem e um símbolo.

O OBSERVADOR

Governo nacional

O recente Congresso do Partido Conservador, reunido em Londres, veio novamente chamar as atenções do mundo para a política externa da Grã-Bretanha. Nunca é demais afirmar que um dos mais belos espectáculos oferecidos ao mundo por esta guerra, que tantos espectáculos lamentáveis tem provocado, foi o do equilíbrio e da saúde moral que forneceu o funcionamento regular e imperturbável das instituições britânicas. Sob o ponto de vista nacional, as competições partidárias cederam o lugar a uma trégua, ditada pela lei suprema da salvação do povo, sem que nenhum dos países que entraram na coligação se julgasse obrigado a abdicar dos seus pontos de vista tradicionais. Sob o ponto de vista internacional, foi na tribuna dos Comuns, pela voz dos seus deputados ou dos seus ministros responsáveis, que se revelaram francamente ao resto do mundo, nas horas boas como nas horas más, os acontecimentos de cuja evolução dependia o destino da humanidade.

O sr. Churchill anunciou uma consulta ao eleitorado logo que terminarem as hostilidades na Europa. Essa consulta está de acordo com os hábitos políticos do país. Mas a sua realização, como acentuou o Primeiro Ministro, não exclui a possibilidade de um governo nacional que trate, fora da linha rápida dos conceitos partidários, os problemas urgentes de reconstrução do país.

Lloyd George

A sua idade bastante avançada e a sua carreira recheada de episódios de significação histórica não deixaram de produzir terribes efeitos no organismo do grande lutador inglês.

Quaisquer que sejam os motivos de reparo ou de discrepâncias que essa carreira tenha suscitado, dentro e fora de Inglaterra, é unanime a convicção de que a personalidade de Lloyd George foi uma das mais vigorosas e influentes da nossa época. Para os que ignoram a história da vida pública inglesa neste século, e o conhecem apenas pela sua acção e decisiva e dinâmica que contribuiu poderosamente para a vitória aliada de 1918, não seria demais recordar que Lloyd George foi, como ministro do tesouro e um dos chefes liberais entre 1905 e 1914, um renovador audacioso da vida inglesa.

A morte do notável estadista foi, profundamente, sentida em Inglaterra.

O seu nome ligado a alguns dos maiores acontecimentos deste século permanece à história, projectando-se no mundo.

MUNDO GRAFICO

Director: **ARTUR PORTELA**

Chefe de Redacção e Editor: **REDONDO JÚNIOR**

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Revista Quinzenal

Propriedade do Mundo Gráfico, Lda

Composição e Impressão: Neogravura, Lda, Travessa do Oliveira, à Estréla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OS ALIADOS TÊM O DOMÍNIO DO RENO

“**A** ocidente estamos no Reno. Estamos, mesmo, para lá do Reno. A cidadela germânica está exposta ao poder terrestre e aéreo dos Aliados. A vitória final é certa. Não há, a esse respeito, a mais ligeira sombra de dúvida”. Tais foram as palavras com que o marechal de Campo Bernardo de Montgomery anunciou, no fim da primeira semana de Março, a verdadeira posição militar dos Aliados na frente ocidental.

Algumas horas antes, o sr. Churchill dirigia-se ao comandante-chefe das forças anglo americanas, general Eisenhower, nos seguintes termos: “Quero felicitá-lo, calorosamente, pelo brilhante feito de armas que conduziu à destruição das forças alemãs que se encontravam na margem ocidental do Reno. Ninguém, que tenha estudado a evolução presente das operações militares a ocidente, pode deixar de reconhecer que a rapidez, a capacidade de adaptação das tropas e a inteligência de comando, foram os grandes factores da vitória”. Quando estas palavras foram escritas pode dizer-se que a batalha do Reno entrava na sua fase final e que o êxito dos Aliados não constituía já, para ninguém, matéria de dúvidas. Por toda a parte se estabelecera a convicção fundamentada de que essa batalha seria a última grande batalha desta guerra, que dura há



É assim que as grandes capitais das Nações Unidas festejam as suas grandes vitórias, nas frentes de batalha

mais de cinco anos. Iniciada em 8 de Fevereiro, pode dizer-se que a batalha do Reno atingiu o seu ponto culminante, precisamente, um mês depois, quando um pequeno contingente de tropas americanas, sob o comando de um simples subalterno, atravessou a ponte de Remagen e estabeleceu uma sólida testa de ponte na margem direita do rio. Durante esse mês, o comando Aliado dominou todas as dificuldades que se opunham à realização vitoriosa dos seus planos. Para realizar essa tarefa, que noutras condições levaria certamente alguns meses, a principal razão do êxito alcançado foi, como o general Eisenhower acentuava na sua resposta ao telegrama de felicitações do sr. Churchill, “a perfeita cooperação de todos os exércitos e de todas as armas”.

De Nimegue a Coblença, três grupos de exércitos, operando com efectivos de alguns milhões de homens, realizaram um trabalho perfeito de coordenação, desempenhando cada exército, cada divisão cada unidade, cada homem o encargo que lhe fôra confiado com uma consciência e uma noção das responsabilidades inexce-

Quando as forças inglesas e canadianas atingiram o Reno, atirando, num golpe irresistível, com os alemães para a outra margem. Estes soldados atravessam uma localidade em ruínas, ainda envolvida pelo fumo dos canhões



A ponte de Remagen, sobre o Reno, através da qual, num ataque fulgurante, se internou a 9.ª Divisão Blindada americana, estabelecendo-se na outra margem do rio, e constituindo uma sólida testa de ponte que tem sido sucessivamente alargada



Os soldados ingleses conquistam Goch. Estes percorrem as casas em ruínas, capturando os últimos inimigos que ali permaneciam, ocultos nos escombros

diversos. Se não fôsse assim, não seria possível explicar como é que um simples tenente do exército americano tomou a iniciativa de salvar uma ponte sobre o rio sem que, para isso, tivesse recebido, precisamente, quaisquer ordens ou indicações superiores.

A retirada dos alemães para a margem oriental do rio fez-se com uma rapidez e com uma precipitação inesperadas.

É, agora, possível verificar como se revelaram fundamentadas as precisões daqueles que, perante o poderoso contra-ataque de Rundstedt, desencadeado nas Ardenas em 16 de Dezembro, não deixaram de afirmar que ele facilitaria com todo o carácter dum acontecimento providencial, a execução dos planos do Alto Comando aliado e forçaria a Wehrmacht a deixar, mais cedo certamente de que se esperava, a guarda do Reno. E é também legítimo acrescentar que a verdadeira batalha para o domínio do curso do rio foi travada nesta altura, e que a sua decisão se traduziu por uma vitória indiscutível das armas anglo-americanas.

No discurso que recentemente proferiu no Congresso do partido conservador, realizado em Londres, o sr. Churchill declarou que a guerra terminaria antes do verão ou mesmo mais cedo. Esta afirmação resultava duma maneira imparcial da situação militar e, como em todas as declarações do Primeiro Ministro quando tem de se referir à situação estratégica, ex-

cluía, intencionalmente, a intervenção eventual dos factores políticos. Era a apreciação, simples e objectiva da marcha dos acontecimentos nos vários campos de batalha do continente, que permitia ao sr. Churchill, geralmente tão cauteloso e tão parcimonioso nas suas antecipações arriscar aquele vaticínio. As notícias, ainda frescas, do que se passara ao longo

(Continua na página 29)



Colónia, a capital do Ruhr, banhada pelo Reno, está em poder dos exércitos americanos. Junto das torres da catedral, que não foi atingida pelos bombardeamentos aéreos, passam, para a retaguarda, alguns dos milhares de alemães que ali foram capturados



MARIA LALANDE

A Severa, a Rosa Engeitada, a Cesária, irmãs crucificadas não nasceram no teatro, embora nele se tenham projectado, a toda a altura do sofrimento e da desgraça. O palco apenas as copiou da vida.

Uma, «Marialva», cigana ardente, a alma das touradas e do Fado; outra, simples, pequenina, coração a bater nas grades da vida, das quais só se libertou para a morte, numa suprema oferta de amor e de sacrifício; a última, vibrante de paixão, chama que o vento vergasta e quasi apaga, mas que, num sobressalto, se ergue mais luminosa, ainda, como se o fogo fosse o cadinho de todos os pecados e arrependimentos.

Maria Lalande, deu-nos, há pouco, uma Rosa Engeitada de maravilhosos contornos. Dir-se-ia que a viveu e não que a recreou, de tal maneira o seu talento admirável de humanidade a sentiu numa total expressão de beleza.

A BATALHA FINAL



Os Liberadores da R. A. F. sobrevoam o Índico na caça aos submarinos japoneses. Uma metralhadora de bordo, em acção



O ataque britânico. Foi com este ímpeto que as forças inglesas atravessaram o Reno, conquistando numerosas localidades e importantes cidades do coração da Alemanha



Soldados veteranos ingleses marcham, com decisão, para o campo de batalha. Paralelamente, vê-se uma coluna de tanks que vai entrar em acção



Paralelamente, vê-se uma coluna de tanks que vai entrar em acção



Uma visão de Colónia, que já está muito para trás da actual frente de combate. A sua conquista, porém, foi decisiva para o dispositivo geral das forças que atacam, agora, o centro da Alemanha



Tóquio, antes de ser bombardeada pelas Super-Fortalezas voadoras, apresentava aspectos como este. Tõda a sua indústria de guerra foi reduzida a escombros



São estes os famosos «Búfalos» que atravessaram o grande rio da Alemanha em três minutos, vencendo a rapidez da corrente. Estes anfíbios são denominados couraçados terrestres



O marechal Montgomery venceu tõdas as batalhas



primeira foi a de Alamein; a última deve ser a do Reno



A tripulação de uma Fortaleza Voadora, num aeródromo inglês, regressa de um raid a fábricas nazis

OS MISTÉRIOS DO AQUEDUTO

QUANDO se contempla aquela gradiosidade de arquitectura, à qual Urculu chamou «a obra, no seu género, mais magnífica da Europa antiga e moderna», sente-se, não apenas uma sensação de esmagamento, como, também, um incontido sentimento admirativo pela sua beleza alada e pelo labor e audácia do homem.

Os seus arcos de volta inteira ou ogivais erguem-se imponentes como a desafiar os séculos.

Ninguém os olha sem sentir um enlévo que perdurará na retina longamente. Com efeito a sumptuosidade do «Arco Grande» com 65 metros e 20 cent. de alto por 28 m. e 86 cent. de largura, quasi parece mais fantasia louca de algum génio desvairado por grandezas, do que produto do engenho do homem.

Esclarece-nos o «Guta de Portugal» que o Aqueduto, que recebe a água da ribeira das Águas Livres, tem o comprimento total de 18.605 metros, desde o olival do Santíssimo em Caneças até à Casa da Água nas Amoreiras, sem falar nos ramaes posteriores, com os quais atinge o comprimento de 59.838 metros.

A galeria vai durante 4.650 metros subterrânea e passa sobre 109 arcos de cantaria, tendo o cano



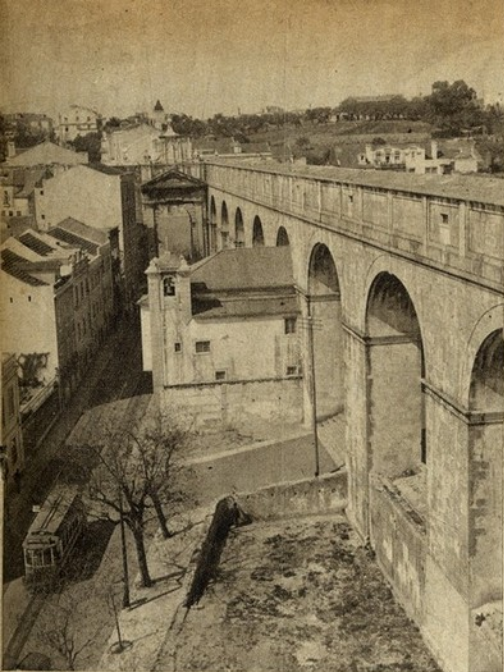
Sobre o arco das Amoreiras, por baixo do qual passam os eléctricos. Por estas calçadas corre parte da água que desce da Lisboa



Nã espinha de granito do aqueduto



Uma curiosa perspectiva do aqueduto



A pequena capela que um dos arcos do aqueduto abraça vai ser retirada dali e reerguida noutra local

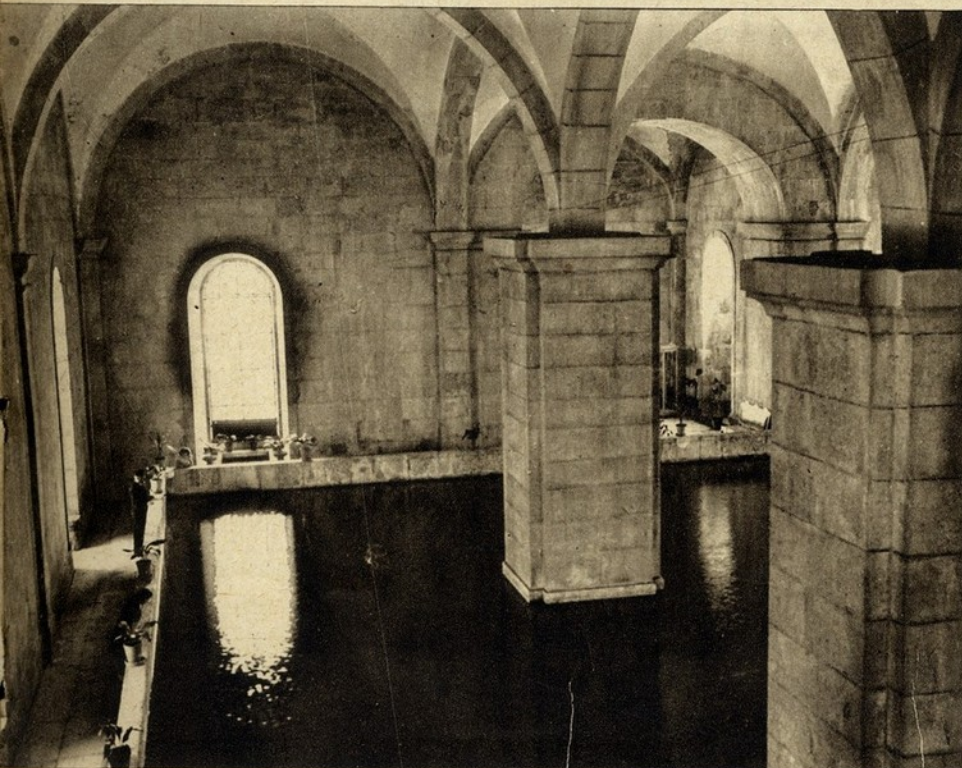
coberto da abóboda 130 clarabóias. Em 1844 o «Passeio dos Arcos» foi fechado ao público.

Que motivo ou razão determinaram o seu encerramento? As histórias tenebrosas que envolveram de mistério e de hórrido pavor o aqueduto.

Devem ser raros os lisboetas que não ouviram, em pequenos, o relato dos crimes de Diogo Alves, praticados no aqueduto das Águas Livres.

Lisboa não dormia presa de uma sensação penosa de horror. As pobres vítimas do malfetor eram gentes humildes, raparigas dos «saltois», que vinham à cidade cuidar da sua vida, trazer o

(Continua na página 30)



O depósito das águas, nas Amoreiras, que comporta milhares de metros cúbicos

A cascata por onde corre a água para o tanque das Amoreiras



Aqui é a entrada do aqueduto, em Campolide

ACTUALIDADES INTERNACIONAIS



As tropas americanas, na Alsácia, distraem o povo de Saverne dos horrores de quatro anos de ocupação, com animadas exibições desportivas e concertos militares. Numa praça daquela vila, a multidão segue, com alegria, um desfile de tropas yankees



O príncipe Miguel, filho da duquesa de Kent, que tem três anos e uma máquina fotográfica, que lhe foi oferecida no dia do seu aniversário



Alemães feitos prisioneiros pelos exércitos das Nações Unidas



Miss Agnes Zuur, do movimento de resistência holandês, pronunciando um discurso no Albert Hall, de Londres, no Dia Internacional das Mulheres

A PASSAGEM DO RENO



Churchill, o marechal Montgomery e os generais Allan Brooke e Simpson, na linha de Siegfried. Pouco depois, o grande ministro atravessou, por duas vezes, o Reno, onde foi inspecionar as valorosas tropas britânicas. À esquerda um dos famosos «Búfalos», no qual as forças das Nações Unidas, passaram aquêlo rio.



Churchill esteve na frente ocidental e felicitou os comandos pela brilhante ofensiva que levou as forças anglo-americanas à conquista da principal zona da indústria do Reich

Homens, mulheres e crianças de Rilchingen, eles quasi todos mineiros da grande região industrial do Ruhr. As tropas das Nações Unidas estão já distantes dali, nas vastas planícies da margem oriental do Reno, prosseguindo no seu avanço irresistível. Estes civis alemães mantiveram-se nas suas zonas de trabalho, em vez de procurarem o interior da Alemanha

Um momento dramático, durante a conquista de Colônia, que o fotografo colheu, neste impressionante instantâneo. Um tank americano foi atingido pela explosão de uma mina e o seu condutor, projectado a grande altura, caiu sobre ruínas, apenas com ligeiros ferimentos. Outro soldado corre para ele, que se vê à direita, afim de lhe prestar auxilio

TANKS E CANHÕES



Estes são os canhões formidáveis do poderoso couraçado inglês «Queen Elisabeth» — os canhões que venceram a batalha do Atlântico. Os seus marinheiros estão contentes por terem cumprido o seu dever e tomam, agora, um tonificante banho de sol

Esta é a última arma apresentada pelos americanos na batalha do Reno. Nada menos de sessenta tubos lança foguetes instalados, sobre tanks Sherman, o seu poder ofensivo foi extraordinário, contribuindo, particularmente, para a rapidez do avanço sobre o famoso rio



CHIADO ÀS NOVE

ÀS nove horas da manhã — é diferente. Dir-se-ia que a artéria elegante faz a sua *toilette* íntima. É mais mulher, uma mulher que fica, entre as mulheres que passam, sorrindo à parada de flores, arquiduquesas de orgulho, nas vitrines de cristal, aos manequins, quasi de carne e osso, por um dos quais se apaixonou um poeta alucinado de impossível beleza, e ao sol que brinca nas pedrinhas geométricas, saltando como um gato voluptuoso entre as pernas fugitivas.

Matinalmente, o Chiado pertence às costureirinhas que entram nos armazéns, aos bandos, como rôlas dentro de um pombal. Arrulham, quasi cantam, trinando alto as suas ilusões e, sem despeito, olham os modelos caros, que elas fazem, nas montras chics, crédulas de que a mocidade e a alegria são ainda os melhores vestidos — e não têm preço. O seu coração modernizado pode palpitar pelo Gary Cooper, mas a sua alma continua sempre a mesma, românticamente, alfacinha.

(Continua na página 30)

As flores da rua também são bonitas



Tentações do Chiado



A caminho do mercado



Os manequins, como as mulheres, modernizam-se



Através das montras. O que elas vestem e como elas sorriem



Não seja desconfiado. Ficou, até, muito bem

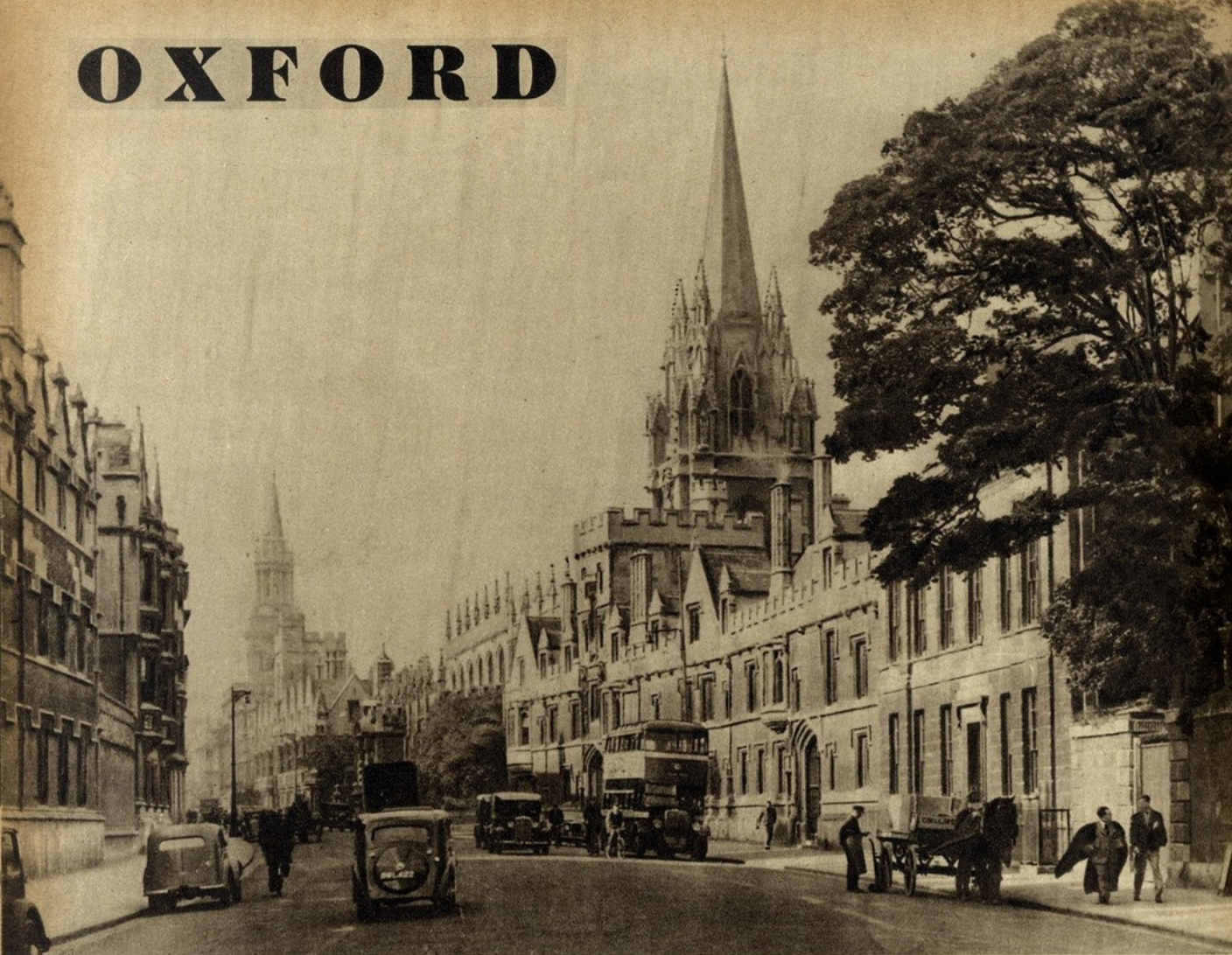


A hora da entrada nos «ateliers»



Recortes e silhuetas

OXFORD



«High Street» Oxford. Uma perspectiva da principal artéria da cidade universitária



O «dia D» dos estudantes. Envergada a indumentária universitária, dirigem-se às salas de exames finais



Aspecto da Torre e Ponte de Magdalen. O colégio do mesmo nome é um dos mais lindos edifícios de Oxford



Pátio do Colégio «Lady Margaret», para raparigas, construído em 1878

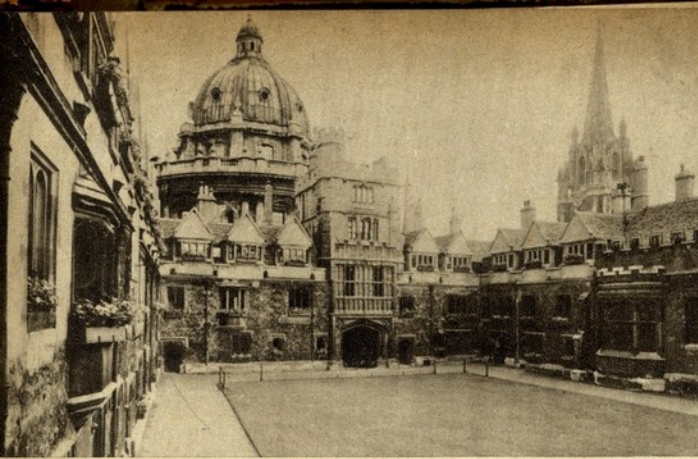


Depois das aulas, raparigas estudantes, à hora da saída, montando em bicicletas

A população de Oxford — assim como a da gêmea cidade universitária de Cambridge — encontra-se engorrida, não propriamente de estudantes, pois que a vida universitária é menos intensa apesar de mais animada, mas doutros habitantes. Os cursos foram quasi todos reduzidos para um ano, sem prejuizo do rigor das provas finais, que não foi de modo algum aliviado. Existem, é certo, cursos de programas condensados, conforme se tornou necessário em tempo de guerra, mas não de um nível inferior de instrução.

A cidade possui, agora, uma população nova (40.000 habitantes acima do normal) visto se haver transformado num importante centro industrial. Compõe-se de uma grande massa de pessoal operário, empregado nas indústrias de guerra, de pessoas refugiadas evacuadas das zonas mais atingidas, funcionários, gente de negócio e estudantes. Diversas faculdades da Universidade de Londres viram-se forçadas a transferirem os seus serviços para Oxford, em resultado da cedência ao Governo de alguns dos seus imponentes edifícios. Uma das secções transferidas para Oxford foi a famosa escola de artes: «Slade School of Art».

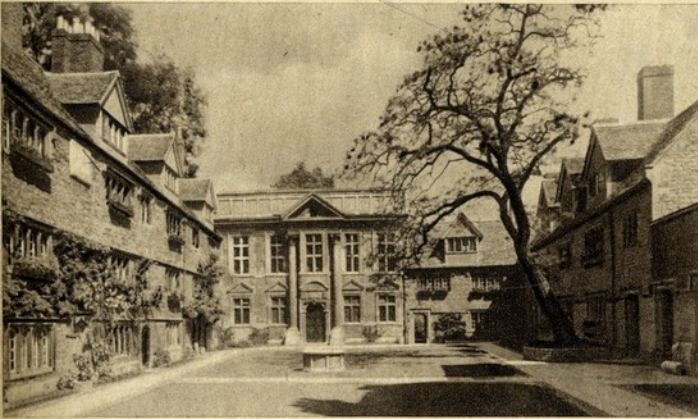
Oxford é uma cidade curiosamente cosmopolita — uma tendência que sempre se verificou — agora ainda mais acentuada. Vindos especialmente de fora do país, nos últimos tempos, poucos são os estudantes que lá se encontram. Os cursos universitários contam, no entanto, entre os seus alunos



Um aspecto do quadrângulo da entrada do Colégio «Brasenose». Alguns dos colégios de rapazes datam do século XIII



Uma vista do colégio de «Merton» tirada dos campos vizinhos. Oxford encontra-se rodeada de lindos prados



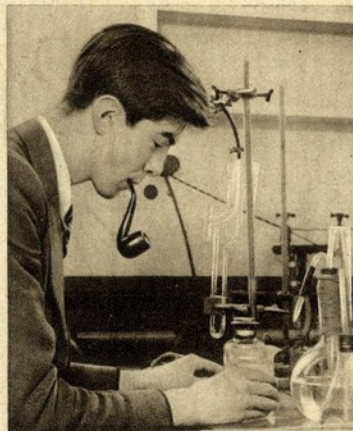
O colégio de «St. Edmund Hall». Os estudantes dispõem, às vezes, de um alojamento constituído por dois ou três quartos



Consultando uma obra na célebre Biblioteca Bodleian. Um dos estudantes pertence a uma das brigadas auxiliares de bombeiros do Colégio de Balliol

um grande número de homens de ciência e estudantes refugiados estrangeiros que continuam os seus estudos e prosseguem nos seus trabalhos de investigação científica nos laboratórios de Oxford. Nos quiosques de jornais vêem-se, com frequência, à venda jornais impressos em língua polaca, checa, publicações das Forças da França Combatente ao lado das tradicionais publicações universitárias tão conhecidas, como por exemplo «The Cherwell», cujo título se inspira no nome do riacho do mesmo nome que corre através da cidade. Vive-se em Oxford naquela atmosfera de to-

(Continua na página 29)



No laboratório de química. O curso completo de Ciências tem uma duração de três anos



Este grupo personifica as actividades da vida de Oxford, em tempo de guerra: dois estudantes bombeiros auxiliares, um oficial cadete, dois outros com trajos universitários, todos estudantes do Colégio Balliol



Uma sala de estar moderna numa das alas novas do Colégio Magdalen. O estudante à esquerda é de nacionalidade chinesa



As famosas espiras de Oxford. A cidade encontra-se densamente habitada, mas não inteiramente por estudantes

Quando assistiremos ao Portugal-Inglaterra?

A idéia não é original e foi tentada já a realização de um jôgo entre equipas representativas de Portugal e Inglaterra, chegando, mesmo, a fixar-se uma data — Maio de 1940.

A guerra veio, porém, privar-nos do prazer de ver e apreciar a excepcional classe do futebol inglês. Essa circunstância não impede que, de novo, se insista na idéia, agora, que a hecatombe da guerra parece atingir o seu termo. A amizade e boas relações que unem a velha Albion ao nosso País, tanto no campo político —



O Arsenal, campeão do Sul, bate o Blakpool, campeão do Norte, por 4-2, num dos célebres encontros entre os dois grupos. O guarda-rêdes, estirado, não evitou o «goal»

firmada por uma secular aliança — como no campo científico, literário e artístico, cimentadas, ainda, por um intercâmbio comercial dos de maior volume, são circunstâncias bastantes para remover qualquer obstáculo, convertendo a idéia em realidade.

Será ousado aspirar-se, em princípio, a um resultado favorável às nossas côres ou, talvez, equilibrado se considerarmos a categoria do jôgo dos dois países, (Continua na pág. 30)



Uma fase movimentada de um desafio, em Inglaterra



Uma bela atitude de Cumner, do Arsenal, num remate de cabeça

A multidão, no estádio de Wembley, na final da Taça de Inglaterra

O cinema inglês é devido o maior reconhecimento pela sua admirável obra de glorificação das forças armadas, através de filmes em que se contam, com sinceridade e dignidade, histórias humanas e tocantes do sereno heroísmo e bom-humor dos combatentes britânicos. Entre esses filmes, dois ficaram, como padrões do cinema mundial: «Sangue, Suor e Lágrimas» e «Falta um dos Nossos Aviões».

Da mesma classe artística e servido por um argumento empolgante e cheio de acção, «Mergulhamos ao Amanhecer» é dedicado aos homens dos submarinos, à sua coragem e audácia de que a história do filme é um flagrante exemplo. Anthony Asquith, um dos mais brilhantes realizadores britânicos da actualidade, conta em imagens dramáticas a proeza do submarino «Sea Tiger» que, depois de afundar um couraçado inimigo, nas águas do Báltico, sofre uma perda de óleo que o impede de regressar à base. Como recurso desesperado, o comandante decide efectuar uma arriscadíssima incursão num porto inimigo para conseguir o óleo necessário para o regresso.

John Mills e Eric Portman, um dos tripulantes do «B de Bertie» de «Falta Um dos Nossos Aviões» são os principais intérpretes de «Mergulhamos ao Amanhecer».



As cargas de profundidade abalam o submarino, pousado no fundo do mar



John Mills, principal intérprete de «Mergulhamos ao amanhecer»



Eric Portman, que tem mais uma grande criação neste filme

CINEMA INGLÊS

“MERGULHAMOS AO AMANHECER”

(WE DIVE AT DAWN)



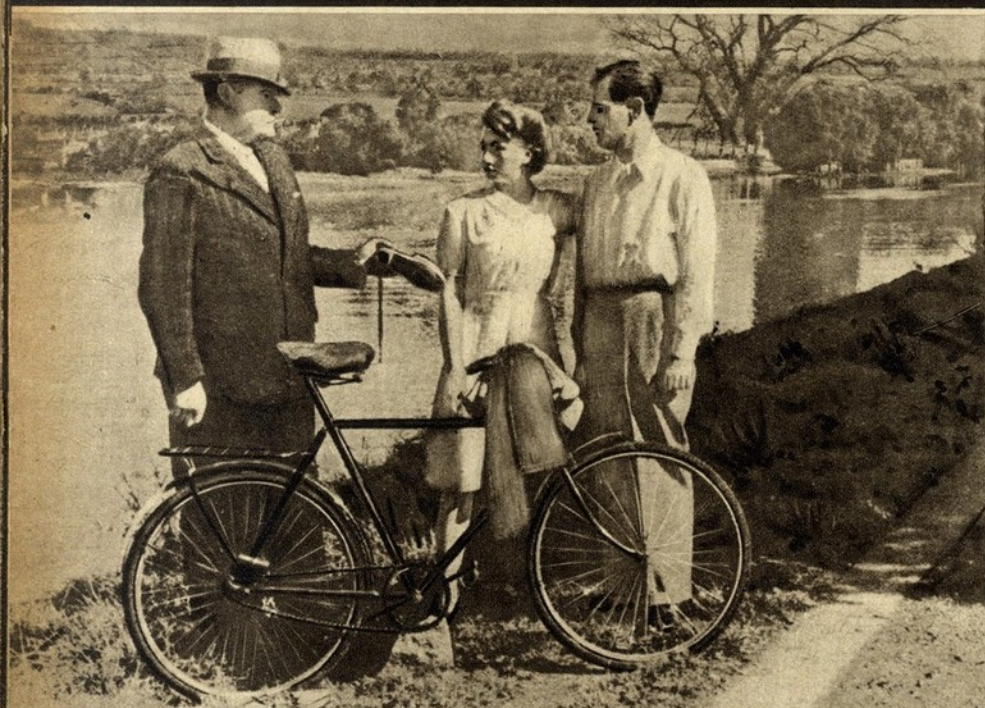
O comandante de «Sea-Tiger» dá as últimas instruções aos seus homens, antes de desembarcarem, para atacar o inimigo.



O tenente Taylor (John Mills) aproxima-se do couraçado inimigo e manda disparar os torpedos

FOTO-CRIME

UM CADÁVER NO RIO



UM acidente de natação levou o inspector Cobbe às margens do rio Swance, onde jazia o cadáver de Tina Leslie, a duas milhas da quinta de Fenn Weir. Eis o depoimento do doutor Marson: «Provavelmente, sentiu cainbras e afogou-se. O corpo apresenta uma ligeira contusão na côxa direita». O detective mete a caminho de Fenn Weir, acompanhado de Denis Clayton e Jill Rogers. Clayton elucida: «Jill e eu passeavamos de bicicleta em direcção ao açude, quando, de repente, notei nas águas do rio um corpo a boiar. Com a ajuda de Jill consegui trazê-lo à margem. Ambos conhecíamos bem a vítima». O inspector Cobbe repara nesse momento que as sandálias de Tina estão cobertas de lama seca.



CHEGADO à quinta onde vivia Tina, Cobbe interroga Konrad Watson, o genitor. Watson declara: «Encontrava-me no jardim, quando ela apareceu a dizer-me que ia passear e queria que eu lhe emprestasse a minha bicicleta, visto estar ansiosa por alcançar o rio, onde queria banhar-se. Fui à garagem buscar a bicicleta, aguardei que ela a montasse e assisti à partida de Miss Tina Lesley.»



KONRAD WATSON terminou as suas declarações: «Que acidente tão terrível... É estranho que Clayton a tivesse encontrado. Ambos estavam noivos, mas acabaram quando miss Tina descobriu as suas relações com Jill Rogers. Clayton ambicionava o dinheiro da minha patrão». Calmamente, Cobbe respondeu-lhe: «Estou certo de que a miss Tina foi assassinada!»

DE QUEM SUSPEITAVA COBBE — E PORQUÊ?

(VER A SOLUÇÃO NA PÁGINA 30)



As tropas anglo-americanas, que lutam na frente ocidental, perseguindo já os alemães para além do Reno, são abastecidas, pelo ar, em grandes aviões de transporte, pilotados, muitos deles, pelas raparigas da R. A. F.



Os ingleses expulsam os nipónicos da Birmânia — Estes soldados da Grã-Bretanha parecem interessados por estas curiosas esculturas que encontraram em Sewebo, na rua de Brookhill



A bordo do «Indomitable», um dos mais modernos e poderosos porta aviões ingleses. O pessoal do convés carrega os aviões com bombas de 500 quilos, que vão ser lançadas sobre o inimigo

No sub-solo de Londres

(Continuação da página 2)

O trajecto é estudado, primeiramente, duma extremidade à outra, à superfície. Depois disso, o engenheiro sabe, ou pode calcular, a posição exacta e a profundidade de qualquer ponto do caminho projectado, não somente em relação a qualquer outro ponto da linha, mas também em relação a todos os acidentes da superfície, tais como estradas, prédios, rios, canais, etc. debaixo dos quais o caminho de ferro virá a passar.

Introduz-se, então, da superfície até ao nível do futuro caminho e, em pontos diferentes, ao longo dêste, poços de mina a distâncias variáveis, mas geralmente nunca superiores a um quilómetro e meio, e que servem para as operações subsequêntes no sub-solo. Do fundo de cada poço começa a escavação dos túneis. Dois têm de ser abertos, um para ida outro para volta. Êstes túneis de «carreira», que unem as estações entre si, têm, geralmente, um diâmetro de 4 metros; os túneis das estações têm quasi o dôbro.

O trabalho de escavação é ajudado pelo emprêgo do «refôrço Greathead», atrás mencionado. Ê, realmente, um amparo móvel para a terra no ponto em que o túnel está sendo escavado. Consiste num cilindro resistente de aço, ligeiramente maior em diâmetro do que o próprio túnel, o qual será empurrado para a frente por arietes hidráulicos poderosos à medida que o trabalho progride. A própria escavação é feita por mineiros usando «preparadores eléctricos», porque a argila azul de Londres é uma substância muito dura, mas não bastante para ser deixada sem amparo.

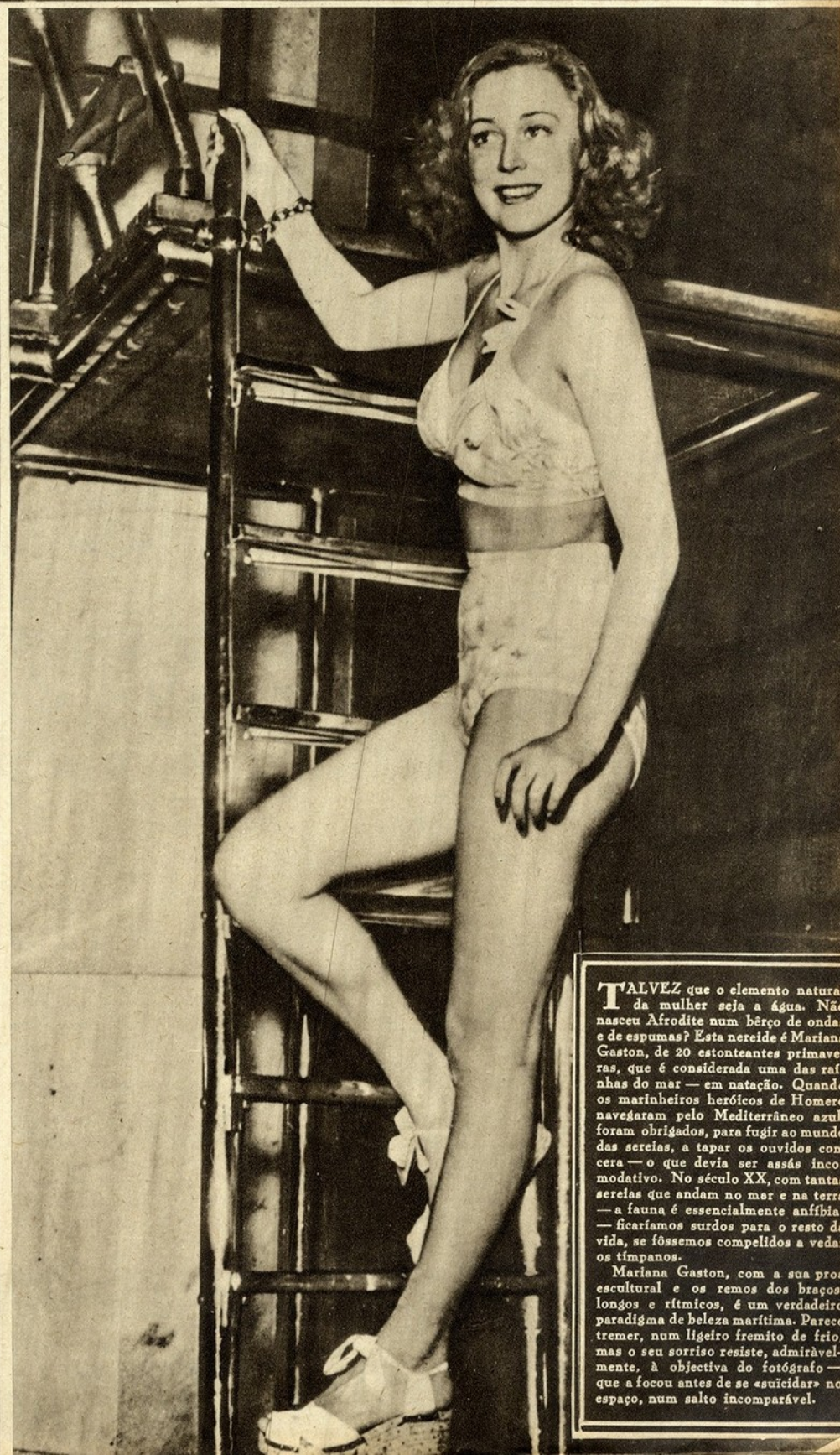
Um fôrro de «ferro reforçado» forma o amparo permanente do túnel. Êste fôrro é constituído por pedaços separados que, depois de aterrorlhados, formam um anel circular. Cada anel completo é ligado ao próximo e dessa maneira chega a fazer-se uma estrutura contínua de grande resistência e rigidez.

Um túnel para uma estação é construído da mesma maneira do que o túnel de «carreira», mas numa escala maior porque deve dar espaço suficiente tanto para a plataforma como para o combóio.

Tudo tem sido feito para que o transporte subterrâneo de Londres seja rápido e conveniente. Máquinas automáticas distribuem os bilhetes ou o trôco, se for preciso. As portas de correr dos combóios são abertas e fechadas automaticamente quando se carrega num botão. Sinais eléctricos nas plataformas mostram automaticamente o destino de cada combóio quando êste se aproxima. Nos túneis,

(Continua na pág. 29)

UMA RAÍNHA DE NATAÇÃO



TALVEZ que o elemento natural da mulher seja a água. Não nasceu Afrodite num berço de ondas e de espumas? Esta nereide é Mariana Gaston, de 20 estonteantes primaveras, que é considerada uma das rainhas do mar — em natação. Quando os marinheiros heróicos de Homero navegaram pelo Mediterrâneo azul, foram obrigados, para fugir ao mundo das serelas, a tapar os ouvidos com cera — o que devia ser assás incômodativo. No século XX, com tantas serelas que andam no mar e na terra — a fauna é essencialmente anfíbia! — ficaríamos surdos para o resto da vida, se fôssemos compelidos a vedar os tímpanos.

Mariana Gaston, com a sua proa escultural e os remos dos braços, longos e rítmicos, é um verdadeiro paradigma de beleza marítima. Parece tremer, num ligeiro fremito de frio, mas o seu sorriso resiste, admiravelmente, à objectiva do fotógrafo — que a focou antes de se «suicidar» no espaço, num salto incomparável.

POSTIÇOS

LEMBRAM-SE dos penteados mirabolantes do tempo de Maria Antonieta?

Pois, parece, que não estamos muito longe, de tal modo os cabelos se arranjam, hoje, das mais variadas maneiras.

E com o uso... e abuso... de postiços: o rôlo *crêpelé* que se põe no interior da pôpa, o oitão que forma *chignon* (o *moño* como os cabeleiros lhe chamam, à espanhola), os caracóis para o alto da cabeça, a meia-corôa, que ajuda a fazer fartura na parte de trás, caindo sôbre o pescoço e acompanhando até às orelhas, a pôpa de cabelo solto que se penteia juntamente com o próprio. Enfim, uma diversidade tal que se pode mudar de penteado, de aspecto e talvez de disposição, sempre que se queira.

Outro postiço que vai pegar é a *tournure*, que em espanhol se chama *polizón* e que aparece nas montras dos espartilheiros: o tufo de folhos sôbre os quadris.

E como a silhueta moderna forma o X: cinta fina, anca larga e seio abundante... não tarda muito que apareçam também aqueles selos postiços que as nossas avós, abundantemente, usaram.

Uma coisa que parece do tempo das sulfamidas e, afinal, tem clippers de atrazo, não é?



Se a escolha de um disco fôsse tão difícil como a de um vestido... Estes são modelos do Harper's Bazaar, de Londres

Gaby

COUTURIER

RUA BRAAMCAMP, 6, R/C. D.
TELEFONE 43735 — LISBOA



PRESENTATIONS
DE MODELES DE
PRIMPTemps ET ÉTÉ

ROBES
MANTEAUX
TAILLEURS

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

ALMÔÇO DE FERRO

ASSIM como o arranha-céus precisa de esqueleto de ferro, também o corpo humano deveria, de vez em quando, absorver uns alimentos ferruginosos.

Aqui está um pequeno almoço nestas condições.

Lavar, em porções iguais, fruta sêca: damascos, ameixas e uvas. Pôr água fria. Juntar uma colher grande de mel e deixar demolhar durante vinte e quatro horas. Tomar de manhã ao pequeno almoço.



OIÇA

— PERANTE factos irremediáveis não se lastime. Trate mas é de ver a melhor maneira de suportar.

— Numa raleição de cerimónia está-se ali para tudo, menos para comer.

Conversar, rir, trocar impressões, mostrar o vestido, ouvir, aprovar, agradecer.

E já não é pouco: chegando a casa come-se qualquer coisa.

— Numa reunião em que há sobretudo pessoas mais idosas, fiçar-lhe-ão gratas se em vez de falar souber ouvir.



Vestido e casaco para a tarde



Curioso conjunto para jantar

Uma meia feita
Outra feita por fazer
Se as não comprar nesta casa
Muito terá que coser

MEIA DE VIDRO

R. Augusta, 158
LISBOA



**Fernando
de Araujo
Lima**

o escritor
portuense
cujo último
livro "Antônio
Patricio",
obteve assi-
nalado e jus-
tificado êxito
literário

Em literatura há temas sem interesse?

É de crer que já algum pensador afirmasse que não há temas literários sem interesse. Se ainda qualquer mortal não se lembrou de expôr tão perspicaz conceito, emitimo-lo nós.

Que demônio! Isto de a gente apenas se subordinar a opiniões alheias deve ser coisa aborrecida. Se assim fosse, isto é, se os conceituosos dissessem tudo o que querem e pensam, que ficaria para nós dizermos? Nada. O que, aliás, seria situação que só com fundo desgosto e impositivamente aceitaríamos.

Ora, não há tal temas sem interesse. O que existe são assuntos mal tratados. Todos os motivos, mesmo os mais contraditórios para o criticador, os mais reles, sujos ou lúgubres, podem encerrar qualquer coisa de misteriosamente espiritual. Dependendo esta circunstância tão só do poder criador de quem escreve. E pomhamos de parte os assuntos maus — que os não há.

Querem um exemplo?

Se um requintado artista da pena, que seja ao mesmo tempo um grande anatomista, nos descrever, minuciosamente, numa impecável expressão formal, a anatomia de um cadáver, só uma sensibilidade embotada não sentirá a beleza do tema. Todavia, não é de admitir que, a não ser num esporádico caso patológico de necrofilia, a maioria dos indivíduos goste de cadáveres.

Todo êste discursivo parolar vem aqui a ponto de um livro que há pouco lhamos. Chama-se o livro em causa, «Da batrelira»... e é seu autor um causídico, o dr. Saraiva Lima.

Trata a referida obra de toiros e de toiradas. Diabo! Cá está o temazinho sem interesse. Pois engana-se o leitor. Ágrada, e muito, ler o livro, mórmente, às pessoas em quem ainda não tenha adormecido de todo a impressionabilidade de sentir.

Depois êste volume de «toiros» tem a prefacia-lo, quem? Belmonte? Arruza? ou outra qualquer notável figura da tauromaquia?

Não, senhores.

Prefacia-o um Mestre das letras portuguesas, um espírito profundo e brilhante, um catedrático — o prof. Vieira de Almeida.

Supõe ainda o leitor desprevenido que só lá encontra arzevezadas terminologias técnicas respeitantes ao assunto? Engana-se, também.

Lá topará conceitos eternos de Chateaubriand, de Teófilo Gautier, versos de Baudelaire, do divino Musset e até de Dante, o que, porém, não asseguramos é que êste esteja «braccio in cruce», junto da filha de Folco Portinari!...

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

LIVROS
DA QUINZENA

«História da minha vida»

A sr.^a D. Isaura Correia Santos reuniu em volume umas historiazinhas, a primeira das quais, «História da minha vida», dá o título ao livro.

A história íntima da vida de uma alma feminina ficou impressionantemente gravada nas «Vinte e quatro horas da vida de uma mulher», de Zweig, nas «Cartas» de Katherine Mansfield ou ainda nas obras auto-biográficas de Charlotte Brontë. Não citamos estas obras na intenção de estabelecer um confronto que, decerto, não seria favorável à sr.^a D. Isaura Correia Santos; e ainda porque a citação poderia ser tomada por desprimorosa. Não. Longe de nós tão antipática ideia. Fazemo-lo, simplesmente, porque estamos a occupar-nos uma obra literária.

Os dramas que glorificam a mulher são os temas predilectos que têm tentado algumas escritoras de renome mundial.

É, pois, accetável que a sr.^a D. Isaura Correia Santos sentisse essa humana ansiedade. Isto é: contar aos estranhos episódios da sua vida. A autora não ignora, de facto, a dificuldade de esse género literário. Todavia, a simplicidade dos seus «racontos», deve interessar aos seus predilectos leitores.

É como de livros se trata, não podemos deixar de aludir ao péssimo gosto da edição. Aquêlle desenho da capa é irritantemente obsoleto.

Quando compreenderão os editores que, pelo menos, o aspecto exterior dos livros precisa de ser agradável à vista?...

SUPERFLUIDADES...

A falta de assunto é ainda um delicioso tema a explorar pelos plúmptivos que se pavoneiam pelas ruas admirando-se muito sem, no entanto, olhar os outros. Qualquer pessoa ao sair de casa estabelece, imediatamente, contacto com as mais risíveis fossas ou os mais angustiosos dramas. Descrever o que se observa, se perscruta, é simples: depende tão sòmente da sensibilidade ou apreensibilidade do escritor. Quer êste seja romancista, poeta, dramaturgo ou jornalista. Neste caso quasi se torna desnecessário resolver graves e profundos problemas da alma humana.

As mais pungentes tragédias nem sempre são aquelas que se descrevem em muitas páginas, nem o génio e fenómeno facilmente mensurável.

As «Flores do Mal» são, em tom, muito mais pequenas do que, por exemplo, os livros todos juntos do sr. João Maria Ferreira. Todavia, acreditamos que o sr. Ferreira não seja mais genial de que Charles Baudelaire. Modos de ver.

A falta de assunto é, pois uma «blaque» a colidir com uma desculpa falível. Há até quem ponha de parte as ideias com o propósito de ser garridamente do seu tempo. Um pensamento revelado com crueza pode, em alguns casos, estragar a digestão a muito boa gente.

Sentenciou alguém que o estilo é o homem. Nunca o dizer foi tão ajustado como agora.

Nestes progressivos e prometedores tempos que decorrem o indivíduo pode não ter ideias, nem sentimentos, nem assunto, mas tem, principalmente, um sumptuoso aspecto de génio ou de senhor — na hipótese das ideias e na importância do vestuário. Pois, às vezes, a falta de certos atributos assemelha-se muito à carência de massa cinzenta que é como quem diz mais, chãmente, falta de miolos.

De ordinário o assunto não é um aspecto exterior das coisas. Quasi sempre traduz um fenómeno de vibração interior; pois o homem nas suas criações formais muito se aproxima do simbolo do pilicano — que arranca a vida de si mesmo.

É por isso que o indivíduo é o próprio assunto: nêle existe o plasma de riso e da tragédia.

Sempre alegres

NESTE momento solene em que por êsse mundo convulsionado tantas pessoas pensam em coisas sérias e nas soluções de graves e angustiosos problemas, nós, os portugueses, que merecíamos o céu pela cândida bondade das nossas almas, andamos preocupadíssimos com deliciosos projectos.

Entre muitas ideias dignas de simpatia, surgiu, agora, a febre dos agrupamentos onomásticos: os José, os Bonifícios, os Zacarias, os Arnestos, e «Tutti quanti»?

As intenções que animam os associados são altamente beneméritos: cuidar dos indivíduos que têm o mesmo nome; facto, aliás, de que ninguém é culpado, pois, na idade do baptismo poucos são as pessoas que podem contrariar o mau gosto dos padrinhos.

A ideia, no entanto, é muito engraçada e inoffensiva, visto os participantes do grupo terem em vista tratar do bem estar dos homónimos.

Ainda há poucos dias os componentes caritativos de qualquer desses grupos, afim de solenizar determinado acontecimento de organização própria, se reuniram num banquete. Boa ideia — que aplaudimos. É tão louvável que vem fortalecer o sapiente prólogo de que «a caridade bem entendida começa por nós» — neste caso por eles.



Ela tem 17 anos e casou-se, no leito de um hospital de Londres, com um soldado de Montgomery. O «Daily Mirror» diz que a jovem esposa aguarda a cura completa para regressar à vida com um companheiro ao lado

TARDE NO RIO

de GUEDES DE AMORIM

Os dois rapazes, com as sacas dos livros ao ombro, chegaram aos Quatro Caminhos. Era mais do meio da tarde. Vinha dos campos, em tórno, o ruído baço de gente nos trabalhos de campo. Já não havia sol mas ainda fazia calor.

— É pá! Aparece amanhã muito cedo para irmos às uvas— disse Henrique ao companheiro.

Jaime, sem nada responder, seguiu a estrada. Ia triste e deveras preocupado. Enterrava os pés descalços no leito poeirento da estrada e pensava na mãe. Passou um carro de bois, chiando e chiando, em direcção à vila. Encostado à sebe, o pequeno Jaime seguiu o caminho com um olhar de inveja... Gostaria de ir para a Régua, em vez de seguir para casa, onde ao certo o esperava uma sova. Prosseguiu no caminho, dizendo de si para consigo que, afinal, talvez a mãe ainda não soubesse de nada. Olhos no chão, recordou o rio, cintilante de sol, convidativo para refrescar os corpos encalmados. Jaime não sabia nadar, mas aceitara o convite de Henrique, à saída da escola, para ir até ao Douro. Eram ambos companheiros inseparáveis, nas batalhas de pedrada, na caça aos pássaros e aos ninhos, nos jogos e nas brincadeiras. Acedera, mas a custo, porque o rio largo lhe metia medo. De princípio, tudo corria bem e com alegria. Outros rapazes tomavam banho a essa hora, saltando, brincando e arremessando água uns contra os outros, numa algazarra de mil demónios. Jaime, despresando os conselhos de Henrique, deixara a margem onde a água lhe dava apenas pelos joelhos e afoitara-se rio dentro... Quando a água lhe subia aos ombros, e era já arrastado pela corrente, gritou aflito por Henrique. O colega, acostumado ao rio como os peixes, acudira pronto. Fôra a salvação.

Jaime lembrava tudo isso, sentindo um peso no coração. Seria bem melhor não ter acompanhado Henrique ao rio, mas agora já não havia remédio. Uma pergunta íntima o torturava, entretanto: Deveria ou não seguir para casa? Foi andando, mas sem vontade. Adiante da porta do Casarão, cruzou com a Vianeira, que vendia carros de linha, dedais, agulhas e outras miudezas, pelas por-

tas. Não gostava do mostrenço e, por isso, não levantou os olhos do chão. Ela, porém, com a sua pontinha de veneno, stirou-lhe:

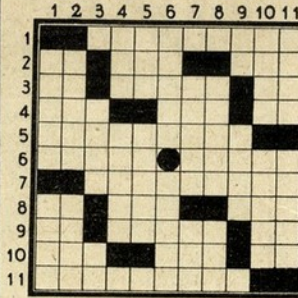
— Vai, vai depressa, meu menino, que a tua mãe tem lá uma coisa boa para te dar por teres ido ao rio...

Jaime sentiu que o coração se lhe despedaçava. Era verdade, era então verdade que sua mãe já sabia de tudo?... Certamente a Vianeira vinha de sua casa, tinha ouvido lá os protestos de sua mãe; e, agora, nada lhe podia já valer, tinha que apanhar mesmo uma tremenda tarefa. Então, tomou esta ousada resolução: não iria para casa, desse lá para onde desse.

Assim fez. Chegou à porta da Balbina, sua vizinha, em vez de dar mais umas dúzias de passos e entrar pela porta, como sempre, atravessou o canal, que ladeava o ribeiro, e meteu-se vinha, dentro, recolhendo debaixo de uma ramada sitio próprio para se instalar. O crepúculo vinha a descer vagarosamente. A casa ficava próximo, alguns metros adiante, mas ninguém o podia ver. Estendeu-se no chão, fazendo da saca dos livros travesseiro, e de olhos cerrados, pensou alguns instantes se andaria bem ou não em tomar semelhante atitude. Qual seria o resultado de tudo isso? Não sabia bem qual ele fosse, mas, de uma coisa estava certo, desde já, é que escaparia, assim, à tarefa com que a mãe de certo tencionava castigar o seu atrevimento de terido banhar-se no Douro. Depois de muito pensar, fatigado sobretudo das inquietações que lhe atormentavam o peito, adormeceu profundamente.

Quando acordou, era já noite adiantada. Levantou-se e voltou a sentar-se, agora amarranhado de pavor. Que horas seriam? A fome mordida-lhe o estômago. A mãe andaria à sua procura? Doia-lhe a cabeça. Os ruidos misteriosos do campo, bichos a mexer, fôlhas a bulir e a água do ribeiro, lá baixo, num murmúrio nocturno, aumentavam-lhe o medo. A mãe andaria à sua procura? Queria ir para casa, mas, ao mesmo tempo, o receio à sova inibia-o de deixar aquele sitio. Então, pensou num momento em Henrique com rancor... Se ele o não tivesse convidado para ir ao rio, não estaria, agora, ali car-

PALAVRAS CRUZADAS



VERTICAIS

- 1 — Unha adunca — Olhe fixamente.
- 2 — As pessoas mais distintas — Nome antigo da Irlanda.
- 3 — Relva — Antes de Cristo.
- 4 — Rio afluente do Danúbio — Garoto.
- 5 — Aparece — Vagueou.
- 6 — Atraves-te — Digere.
- 7 — Artimanhas — Repetição.
- 8 — Messe — Interjeição que serve para saudar.
- 9 — Prefixo de negação — Azáfama.
- 10 — MAJOR-GENERAL INGLÊS HÁ POUCO TEMPO NOMEADO PARA O COMANDO DAS FORÇAS AERO-TRANSPORTADAS BRITANICAS — Multa.
- 11 — Içam — Restos mortais.

PROBLEMA N.º 106

HORIZONTAIS

- 1 — Quitação de contas.
- 2 — Símbolo químico do germânio — Antiga embarcação — Doença.
- 3 — Reis — Imposto de transmissão (pl.) — Alem.
- 4 — Levante — Decímetro quadrado — Deposição.
- 5 — MINISTRO DA MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS.
- 6 — Ingénuo — Chefe norueguês, cognominado «O Vermelho», que descobriu a Groenlândia no Séc. X e mandou expedições à costa da América do Norte.
- 7 — Capturados.
- 8 — Confiança — Proposição e artigo (pl.) — Gemidos.
- 9 — Caminhar — Ruído confuso — Pedra de moinho.
- 10 — Parente — Língua outrora falada em França — Campeão.
- 11 — Revestir de camisa.

Solução do problema n.º 105



regado de fome, de frio e de pavor. Amargurado, vieram-lhe as lágrimas aos olhos.

Estremeceu, ao ouvir vozes... Voltou a cabeça e, com comovido espanto, na noite fechada, viu a mãe, acompanhada da rapariga que ajudava na cozinha, passar no carroiro que cortava, a vinha a poucos metros da distância. A mãe levava um candeeiro e, falando com a rapariga, ao mesmo tempo que olhava à direita e à esquerda, ia dizendo:

— Jaime! onde está o meu filho? Onde estás tu, Jaime?

Esmagado de sofrimento, olhos rasos de lágrimas, o rapaz, então, levantou-se e correu naquela direcção.

— Mãe, mãezinha... estou aqui!

ANUNCIAI NO MUNDO GRAFICO

OXFORD

(Continuação da página 21)

lerância. Oxford não vive estagnada imbuída somente numa atmosfera de tradição.

O espírito dominante de Oxford transparece, por exemplo, no tema de uma das lições dadas pelo Reitor do Colegio de Balliol — um grande pensador — intitulada «Tolerância e Democracia». A esplêndida imparcialidade intelectual que distingue o ensino em Oxford constitui também a essência da cultura e forma as bases da Sabedoria.

composição Mentholum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUÉ
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS

Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1ª classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

A venda em tôdas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

Use Pebeço — proteja a sua saúde dental com esta combinação de sais activos

PASTA DENTÍFRICA



PA.373

STOP *



*Dentes
Brilhantes*

PASTA
DENTÍFRICA



*Rainha
da
Hungria*



M. CAMPOS

ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELLEZA
AVENIDA DA LIBERDADE, 35

Querels ganhar dinheiro?
ANUNCIAI NO
Mundo Gráfico

RAPIDE
CREME DE BARBEAR

SEM PINCEL
E
SEM SABÃO

No sub-solo de Londres

(Continuação da página 25)

uma ventilação aperfeiçoada conserva o ar puro e fresco. Os combóios são, naturalmente, impelidos electricamente, bem como os escaladores e os poucos ascensores que ainda existem.

Embora a maior parte das linhas subterrâneas tivessem sido construídas, independentemente, uma das outras, são agora controladas pelo «London Passenger Transport Board» e possuem um sistema de comunicação entre elas em vários pontos.

Londres, tem de facto muita, sorte com o seu subterrâneo. Tem que dar graças à natureza de lhe ter dado uma grande área de argila na qual puderam ser construídos, sem grande dificuldade, e a um preço razoável. Mas tem que agradecer principalmente a estes engenheiros civis que, como Greathead, viram como uma nova maneira de transporte podia ser aproveitada por novos métodos de construção e tiveram a coragem e habilidade de conseguir que os seus planos fossem aproveitados.

OS ALIADOS NO RENO

(Continuação da página 8)

do Reno, autorizavam-no a proceder assim. Essas noticias justificavam o mais fundamentado e o mais seguro optimismo.

Em 1945, como em 1918, é no Reno que se decidem os destinos do novo continente. Colónia e Coblença, actualmente em poder dos Aliados, são o símbolo tradicional desses destinos. É a ocupação dessas duas cidades históricas, pela sua importância estratégica e pela sua significação política, que permite afirmar que o termo da guerra não deve estar longe. Quem as possuiu foi, no decurso dos tempos, o vencedor de todas as lutas que se travaram na Europa. Mais uma vez essa verdade encontrou uma confirmação espectacular com os acontecimentos sensacionais que se produziram entre 8 de Fevereiro e 7 de Março.

QUANDO ASSISTIREMOS AO PORTUGAL-INGLATERRA

(Continuação da pág. 22)

mas confiemos nos nossos jogadores, na energia de alguns, habilidade de outros e boa vontade de todos, fornecendo-lhes treinadores competentes e que saibam ensinar; orientadores que tenham em mente o desejo de acertar, sem preocupações clubistas ou simpatias pessoais e, com uma conjugação de esforços, dentro deste critério, poder-se-á aspirar a um resultado que nos não amesquinhará.

O sport pratica-se por sport e uma competição terá que ser apreciada mais pelo desportivismo das equipas do que pelo valor dos números e, com os ensinamentos que a classe dos ingleses nos pudesse trazer, muito beneficiariam os nossos jogadores.

Encarando, ainda, a ideia pelo lado material está, perfeitamente, dentro das nossas possibilidades porquanto a capacidade do Estádio Nacional é suficientemente ampla para poder arrecadar a receita necessária para as despesas de tal organização.

Hoje, que possuímos um Estádio que é de facto um monumento e dos melhores da Europa, devemos animá-lo com competições e não desejarmos que seja apenas admirado na frieza rígida mas imponente da sua grandiosidade.

Não é possível, por agora, a sua realização? Isso não impede que se iniciem as diligências preliminares e se vão removendo dificuldades, aproximando essa data.

E', pois, de admitir que uma nova tentativa nesse sentido, junto de quem tenha influência bastante para pôr a ideia em marcha, seja bem acolhida e com ela mais uma forma de estreitar as relações de amizade firmadas desde 1373, e já vão decorridos 572 anos, sempre proveitosas e benéficas para os mútuos interesses das duas pátrias.

M. S. P.

Ei-la de novo e aos antigos preços

ADP D.K. 50

KODAK FILM VERICHROME

Kodak VERICHROME FILM

REF.ª VERICHROME - PANCHROMATIC

Nº127 4X6½	11.00	13.80
Nº120 6X9	11.00	13.80
Nº820 6X9	11.00	13.80
Nº116 6½X11	13.90	17.80
Nº816 6½X11	13.90	17.80

Kodak

A PELÍCULA PARA MELHORES FOTOGRAFIAS

Seja prático e económico

viaje na



INFORMAÇÕES

Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 — no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722

OS MISTERIOS DO AQUEDUTO

(Continuação da página 13)

produto do seu trabalho, homens do campo que de regresso eram assaltados pelo facinora, que lhes roubava o produto das vendas, velhinhas que anos há muito haviam vergado, sob trouxas enormes de roupa tornada alvinhente por elas nas margens dos riachos de Caneças; e até uma criança fôra atirada do Arco Grande para o vall... E contavam as pessoas da época que quando o monstro a ergueu nos braços para lançar no espaço o pequenino ente, êste sorriu, enternecido. Mas, nem assim a besta humana sentiu um frémito de piedade a suavizar-lhe a alma torva.

Estas histórias lúgubres eram às vezes contadas ao serão. E se bem que muitas fossem o espectro des-humano de actos repugnantes, o que é verdade é que a imaginação popular é ilimitada no seu poder de fantaziar e exagerar o trágico.

CHIADO AS 9

(Continuação da página 13)

Vão em filas, de braço dado, cabelos ao vento, na aragem ainda sem poeira da manhã, com a lancheira leve e uma energia victoriosa capaz de remover tôdas as montanhas da vida, por mais altas que sejam. O seu príncipe encantado surge à esquina, gabardine no braço, batendo os pro-

LAMINAS "NACET"

Se emprega uma máquina de três furos torná-la moderna se a utilizar com Láminas Nacet. Ao contrário das outras lâminas de preço reduzido, a Lámina Nacet é de qualidade uniforme — cada lâmina de cada pacote dar-lhe-á uma notável série de barbas perfeitas — ao mais baixo preço possível, para tanta eficiência

"Lâminas boas e baratas"

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

tefactores no *craquellé* do passeio, a caminho do escritório, mas enquanto o relógio do Carmo não dá horas, os dois derretem ali o tempo, entre palavras que se beijam, como se estivessem metidos numa nuvem, a dois mil metros da terra. Mas não são só elas — embora sejam o sol e o sal do Chiado. Entre os que sobem e descem, cruzando misteriosos destinos, há as varinas, de canastra vazia que vão para a lota, moços ajouçados aos cabazes, empregados públicos que fazem um desvio por ali, satisfeitos de já terem àquela hora a primeira edição matutina da arteria elegante, ilustrada de escarpates galantes, dum côr de rosa teatral, onde há visões de nudez parasidiaca e de ou-riverianas cintilantes, verdadeiros mercados de opulência e deslumbramento que escravizam e torturam a imaginação feminina.

As lojas e os cartazes sucedem-se. O último livro, a pérola mais cara, o «petit-gris» mais excitante, a fotografia mais sensacional, o brinquedo da Páscoa, o perfume estonteante, quasi tudo, afinal, para a lisboeta de olhos negros que tem ali, no Chiado, um trono doirado e faustoso.

umas sobem-no a pé; outras de automóvel; umas de manhã; outras pela tarde. Em cada hora

o Chiado tem uma alma, um gesto diverso. Quando começa o dia, parece que se lava e penteia, braços nus num *robe* bastante indiscreto; depois às cinco, senta-se à mesa de chá das pastelarias e, femininamente, com venenos côr de rosa, diz mal de tudo; e, finalmente, à noite, pertence aos cinemas, em sumptuoso traje de gala, atirando às estrêlas de Hollywood o fumo de uma cigarrilha, com imensa pena de não ser ainda a Broadway ou o Strand.

R. P.

A SOLUÇÃO DE "FOTO-CRIME"

WATSON declarou: «Fui à garagem buscar a bicicleta, aguardei que miss Tina a montasse e assisti à sua partida». Ora, isto era impossível. O inspector já havia observado (fig. 1) que o selim da bicicleta atribuída à Tina estava graduado para ser montada por uma pessoa bastante alta. Ora Tina era muito baixa (compare-se na fig. 2 a sua estatura com a de Konrad). Embora ela conseguisse montar a bicicleta, os seus pés não chegariam aos pedais! Quizesse Tina utilizar-se realmente da bicicleta, como declarou Konrad, seria obvio que ela lhe pedisse para baixar a selim. Foi neste ponto que o detective apanhou a mentira de Konrad. Investigações ulteriores, após uma autopsia ao corpo da vítima, comprovaram a suspeita de crime, por parte do inspector Cobbe. Tina fôra alvo duma violenta pancada na cabeça. O exame das impressões digitais na bicicleta serviu de prova definitiva contra Konrad, que acabou por confessar que havia assassinado a dona e tinha levado ao rio, no porta bagagem da bicicleta, o corpo da vítima. O móbil do crime fôra a herança de Tina que, por sua morte, revertia a favor de Konrad.

HERPETOL

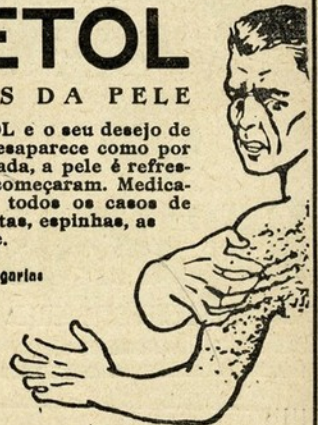
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

Se vendem em tôdas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



O MELHOR
baton

AS ESTRÊLAS FALAM NA B. B. C.



Os artistas de cinema dos Estados Unidos e da Inglaterra falam ao microfone da B. B. C. para os soldados das Nações Unidas. Os leitores conhecem-nos. Em cima, Marlene Dietrich e Lawrence Olivier; em baixo, Noel Coward e David Niven



MUNDO GRÁFICO



Um soldado
das forças
do Reino Unido
em serviço
nas regiões
geladas
do Artico